

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES NA UNIVERSIDADE

EXTRATO DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO SNR. CARLOS FERREIRA, AGENTE COMERCIAL OFICIAL EM BRUXELAS.

A Belgica em tempo de guerra.... Pag. 151

QUESTIONARIO » 161

VIDA ASSOCIATIVA DA UNIVERSIDADE LIVRE

Ano lectivo de 1915-1916 » 162

Excursões (Grupo Excursionista Familiar) » 162

Encerramento do curso de francês no ano lectivo de 1914-1915.... » 162

Mapa do grau de habilitações dos individuos que se inscreveram nos cursos praticos de 1914-15. » 163

Mapa das profissões dos individuos que se inscreveram nos cursos praticos de 1914-15 » 164

Conferencias durante o ano lectivo de 1914-15.... » 166

Balancete do mês de Agosto de 1915..... » 168

ANO II

N.º 20

AGOSTO DE 1915

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

Preço, 1 Escudo

Desconto aos socios



Universidade Livre

Cursos noturnos e permanentes de

Português

Francês

Inglês

Contabilidade

Arithmetica

Calculo comercial

Geografia

Caligrafia

Taquigrafia

Dactilografia

Modelação

Desenho.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

Extrato das conferencias reali-
sadas pelo Snr. Carlos Fer-
reira, agente comercial official
em Bruxelas

A BELGICA EM TEMPO DE GUERRA

«Ao nascer do dia saí e dirigi-me para a porta da rua; vi um mar de fogo. A's 9 horas as detonações afrouxaram e resolvemos dirigir-nos para a estação. Abandonando a nossa casa e todos os nossos bens excepto o que podíamos levar e tomando todo o dinheiro que tínhamos, puzemo-nos a caminho. O que vimos no percurso para a estação difficilmente se póde descrever. Tudo estava queimado; as ruas estavam cobertas de cadaveres meio calcinados. Em toda a parte proclamações tinham sido affixadas intimando os homens a não tentarem apagar o fogo e as mulheres e as creanças a não saírem de casa.

«A estação estava cheia de fugitivos e eu estava tentando mostrar a um official os meus papeis quando os soldados me separaram de minha mulher e de meus filhos. Todos os protestos foram inuteis e uma porção dos nossos foi levada para um grande alpendre donde podemos vêr os grandes edificios da cidade, os mais lindos monumentos historicos, serem queimados.

«Pouco depois os soldados allemães levavam deante de si trezentos homens e rapazes para a esquina do «boulevard» van Tienen e rua Maria Thereza, em frente do café Vermalen. Aí, foram mortos.

Tal espectáculo encheu-nos de horror. O burgomestre, dois magistrados, o reitor da Universidade e todos os officiaes de policia tinham já sido mortos.

«Com as mãos amarradas atraz das costas fomos levados pelos soldados, sem termos visto nossas mulheres e nossos filhos. Caminhámos pela rua de Lipse, atravessámos o Vaart, e começámos a subir a eminencia. Do monte Cesar vimos a cidade a arder, S. Pedro em chamas, enquanto as tropas disparavam tiros sobre tiros para dentro da infeliz cidade».

O incendio foi ateado com disciplina e método; começou na rua da Estação — o centro — seguindo para os arrabaldes rua a rua, casa a casa. A' medida que iam saqueando as egrejas, estabelecimentos e casas, deitavam-lhes o fôgo porque nada mais havia para roubar. A cada encruzilhada estava um pelotão e quem sahisse de casa para não morrer queimado, cahia logo a seguir varado pelas balas das espingardas.

Na rua de Bruxellas, uma pobre senhora que estava de parto morreu tresloucada quando lhe arremessavam com o filhinho pela janela fóra e lhe apunhalavam o marido mesmo na sua cara. Um rapaz de vinte anos que desfechou a espingarda contra o soldado que lhe havia morto o pae, foi enterrado com vida depois de lhe apertarem os pés e as mãos. Um pae que chorava como um perdido quando um monstro roubava a honra á filha, foi lançado numa fogueira. A esposa e os filhos dum medico que se recusavam a fusilar o marido e pae, foram atadas como um fardo, arremessadas para uma cave e sobre elas uma bomba incendiária.

Isto é a guerra ?

Mas estas scenas que aparecem documentadas nos relatorios belgas, são uma gôta no oceano. Não as posso alongar porque não só me falta o tempo como a coragem, mas deixam já uma ideia do que foi o massacre.

Não ha um predio que esteja intacto ou que se possa reparar. A cidade terá que ser totalmente reconstruida e o edificio da camara, o unico que escapou, esse mesmo, está muito damnificado e carece de grandes reparações que lhe vão diminuir o valor.

*

* *

A praça forte de Anvers capitulou na manhã do dia 11 de outubro.

Foi um desastre.

Como disse na minha primeira conferencia, era em torno das fortificações de Anvers que se congregavam todas as esperanças do povo belga, na defesa do país.

Arrombada esta porta que se julgava da maxima solidez e consistencia, a Belgica estaria rapidamente na posse absoluta dos alemães. Depois, o efeito moral era deploravel, não só para os soldados como para os civis.

Dizia-se que a guarnição belga havia sido bem reforçada pelos inglêses, com os seus canhões de marinha e este boato mais não tinha feito do que enraizar a certeza de que Anvers era inexpugnavel. Em Bruxelas, todos soltavamos gargalhadas de sarcasmo quando liamos os *placards* alemães em que se relatava a tomada dêste ou daquelle forte.

Quão penoso foi reconhecer que os inimigos não mentiam!

A rendição de Anvers é um enigma para a maioria dos Belgas; representa um misterio que ainda não foi possivel desvendar e com certeza não será explicado, senão depois de terminada a guerra. O facto desta praça forte, a primeira do país e uma das bem conhecidas e melhor cotadas no estrangeiro, ter içado a bandeira branca após cinco dias de bombardeamento, é inconcebivel. E' porem mais inconcebivel para a opinião publica que as tropas francêsas não estivessem ali para socorrer a cidade e impedir a sua queda. Anvers era tudo e nada foi; Liége pouco era e foi tudo.

Com a entrada dos alemães em Anvers multiplicou-se o panico e os soldados belgas que, com justa razão, não queriam ficar prisioneiros, fugiram para a Holanda. Com estes foi-se uma grande parte dos habitantes da provincia que, abandonando as suas casas nessa hora tragica que não podia dar-lhes tempo a tomar quaisquer disposições, só viam abrigo na casa dos antigos rivais. Homens, mulheres e creanças que já não conseguiam obter logar nos comboios ou carroças, deitavam-se a correr até á fronteira onde chegavam cançados, famintos e doentes. Ao mesmo tempo, os morteiros rebentavam por toda a parte e os fugitivos que não eram atingidos, des-norteavam-se ainda mais perdendo-se as mulheres dos maridos e os paes dos filhos.

Pelo caminho ficavam os embrulhos com roupas que

alguns ainda tinham conseguido trazer porque o pezo, apesar de ligeiro, dificultava a marcha. Aqueles que por motivos imperiosos não podiam abandonar a cidade, trancavam as portas e desciam para as caves onde nelas se julgavam ao abrigo das explosões.

Podiam-se percorrer todos os bairros que se não encontrava viva alma porque ninguem ignorava o horror dos crimes que até ali tinham sido cometidos, e portanto todos procuravam escapar á morte. Ha já dias que os serviços publicos não funcionavam, agua e gaz faltavam e não se recebiam alimentos frescos. As comunicações com o exterior estavam interrompidas. O isolamento era completo e agora estava agravado com os efeitos dos canhões e com a liberdade dos algozes.

O aspecto da cidade e dos arredores era de desordem e o ambiente estava carregado de miseria.

Oito dias depois o governo holandez fazia constar oficialmente de que no seu territorio estava internado quasi 1 milhão de belgas e as autoridades daquele país, apertavam as mãos contra a cabeça, perguntando a si proprios como socorrer esta gente que na maior parte se encontrava sem meios de subsistencia. A Holanda, que tinha pouco para si, como ainda tem, evidentemente não podia prolongar esta melindrosa situação embora fortalecida da melhor vontade para o fazer, pois as consequencias cahiriam sobre o seu proprio povo.

Começavam a organizar-se varios *comités* de socorro e entretanto a maior parte dos emigrados punha-se em debandada procurando refugio noutros países. Compreende-se que a Holanda era impotente para dar asilo a tão grande multidão. Nesses mesmos países tais como a Dinamarca, Italia, Suissa etc., os pobres belgas eram acolhidos com simpatia e na França e Inglaterra a recepção era verdadeiramente carinhosa.

O infortunio dos Belgas ecoava já por toda a parte e então nasciam os rasgos de generosidade brotados não só da Europa como da America que respondiam a um protesto da humanidade, contra um barbarismo descabeçado que os jornais ainda não poderam descrever por falta de detalhes e que só pode ser avaliado pelas pessoas que o presenciaram e que a ele escaparam.

Por toda a parte abriam subscrições em favor dos refugiados e, creiam Vossas Excelencias, hoje, fóra do seu

país, não morrem de frio nem de fome. A propria Suissa allemã se compadeceu deles procurando valer-lhes tanto quanto podesse. Digo assim porque sei alguma coisa quando á três mêses ali passei.

Se reunirmos os donativos chegados dos Estados-Unidos, Canadá, Australia, Nova Zelandia, aqueles que se juntaram na Europa, encontrar-se-ha hoje um total que vae alem de 10 milhões de francos. Se abrimos os jornais veremos quasi todos os dias telegramas procedentes mesmo dos confins do mundo que informam importantes donativos não só pecuniários como de roupas, calçado, cereais, etc. Isto só quer dizer que no Universo não ha um canto onde se não reconheça o heroismo, o sacrificio e a razão do nobre povo belga; isto só quer dizer que os homens escarram no «Livro Branco» editado em defeza do governo imperial, e de que neste país de bandidos, qualquer obra, para ofuscar a piedade inspirada pela Belgica, é e será sempre improductiva, troçada e cheia de maldição.

A Belgica, quando rebentou a guerra, tinha apenas com que se nutrir para pouco mais de dois mêses. Todavia as requisições alemãs absorveram o melhor daqueles magros depositos. Foi assim, que em poucas semanas uma nação prospera, opulenta e rica, se viu de repente quasi em luta com um novo inimigo: a Fome.

As autoridades belgas haviam sido expulsas, excluidas e interditas; os vencedores que tinham feito do territorio um ilimitado campo de prisioneiros, desinteressavam-se por completo do sustento dos vencidos. O que era pois necessario? que apparecesse uma organização neutral e com prestigio para que a deixassem manejar livremente. Surgiu então a «Comissão Americana de Socorros á Belgica» (Commission for Relief in Belgium) com séde em New-York, Londres, Rotterdam e Bruxelas.

A proposito desta comissão o jornalista italiano Snr. Luigi Barzini, escreveu o seguinte:

«E' a mais vasta cooperação até hoje vista no mundo. No territorio belga prestam gratuitamente serviço, na distribuição de viveres, mais de cincoenta mil subditos belgas. A comissão, enorme como o exercito, tem o seu estado maior e os seus soldados, incansaveis e disciplinados. E' um exercito que dá a vida.

«A comissão — nomeada com as simples iniciaes do seu nome americano, C. R. B. (Commission for Relief in Belgium) — dispoz, pois, desde o seu inicio, de trinta e dois milhões e meio de francos para empreender a sua obra colossal.

«Dispendeu imediatamente cinco milhões, para minorar as misérias mais angustiosas e urgentes. Ficaram, pois, vinte e sete milhões e meio. Ora, para alimentar a Belgica, são precisos quarenta milhões por mês. A comissão tinha meios para dar ao infeliz país apenas vinte dias de vida. E não era possível contar mais com as fontes da generosidade internacional, retraídas pela guerra, que tinham já dado uma soma que, nestes tempos, se pôde chamar fabulosa.

«E' aqui que se torna maravilhosa a obra financeira da comissão. O estado maior americano põe então em pratica todos os recursos do seu espirito positivo. Põe ao serviço da caridade o seu incomparavel talento para negocios, o seu senso pratico, a sua energia simplificada. Trata o socorro como uma especulação, organisa a generosidade como um *trust*, e faz do abastecimento belga uma obra prima commercial e bancaria.

«O que era preciso é que o capital inicial pudesse renovar-se com frequencia, como os treze dinheiros do Judeu errante; que renascesse das suas cinzas como a Fenix; que se perpetuasse. Devia ser, portanto, tratado á guisa do capital realiado duma sociedade industrial, destinado a uma transformação sem fim, do dinheiro em mercadoria e da mercadoria em dinheiro. O socorro dado por todos os povos civilizados do mundo era vivificado por uma circulação.

«A Belgica não pedia uma esmola. Dos sete milhões de habitantes que era preciso alimentar, cinco milhões e meio estavam ainda em condições de poder pagar o sustento. Que estes pagassem para si e para os outros. Assim, a distribuição dos viveres seguiu os canais da venda. O ganho nutre as miserias, que são imensas. Cada grupo de cincoenta habitantes, que pôde comprar pão, sustenta quinze pobres. E' terrivel a proporção, mas ninguem se irrita nem se queixa. Formou-se uma cadeia de socorros, que chega até os mais humildes dos humildes — cadeia de fraternidade, de amor, de silencioso heroismo.»

Como V. Ex.^{as} ouviram, a Belgica alimenta-se por um prodigio de organização conjugada com disciplina, a vontade e caridade. E' um país sem comunicações nem transportes, desorganizado, paralisado e bloqueado. Se não morreu de fome, deve-o á bandeira dos Estados-Unidos da America.

*

* *

O primeiro governador geral alemão na Belgica foi o Feld-Marechal Von der Goltz que em fins de novembro partiu para a Turquia. Disse-se porem em Bruxelas que havia sido enviado para os turcos por ser demasiadamente bom para os belgas; que tinha por norma refletir antes de executar e que era preciso executar e depois refletir. Foi isto que alguns alemães deram a entender e que o governador havia sido acusado pelos seus proprios

oficiais. Seja como fôr o que é facto porem é que Von der Goltz, o maior escritor militar da Alemanha e que ha anos publicou um artigo na *deutsche Rundschau* profetizando a derrota do imperio a proposito do papel da supremacia naval nas guerras continentais, quiz acalmar os habitantes, procurando mesmo fazer-lhe algumas concessões sendo tão diplomata como os proprios diplomatas.

Não tinha simpatias porque bastava ser alemão para só inspirar asco e tedio mas quando appareceu Von Bissing — o actual governador — então lamentamos a substituição porque o governo tomou um character mais aggressivo e exigente.

O seu primeiro gesto foi esmagar o país com uma contribuição de guerra de 480 milhões de francos. Não havendo este dinheiro e precisando o imperio d'ele, Von Bissing retirou todos os poderes ao Banco Nacional, autorizando ao mesmo tempo a Sociedade Geral da Belgica, a emitir todos os mêses 40 milhões em notas.

Os alemães pilharam e arrasaram a Belgica; transportaram para o imperio as obras d'arte e o mobiliario mais rico que se lhes deparou e, numa palavra, destruíram tudo o que o rei da Prussia tinha jurado garantir e proteger... contra os assaltos dos ladrões internacionais.

Mas o que se não sabia ainda é que os alemães tinham feito entre si um arranjo, para roubar as fortunas particulares de todos os belgas, para deitar a mão ás caixas particulares e para explorar em seu proveito a riqueza comercial e industrial do país que invadiam.

Appeareceu o doctor Von Lumme feito commissario geral, encarregado de gerir os bancos belgas tendo como acolitos varios banqueiros e ainda o principe Georges de Saxe-Meiningen, e estes figurões vieram em missão especial para despejar para os cofres fortes alemães, as caixas dos seus novos administrados e ao mesmo tempo fabricar papel-moeda, encetando e dirigindo varias operações de cambio. Queriam notabilisar-se como *escrocs* de bolsa, fabricantes e passadores de moeda falsa.

Estas personagens de sobrecasaca e chapeu alto, são relativamente mais terriveis que os outros de galões e espada.

E sabem porquê? porque trabalham nas trevas, assaltam sem barulho, arruinam sem incendio e matam... sem fazer sangue. Têm a vantagem de pôr um país a

saque sem que se arrisquem a ficar feridos no campo da batalha.

Von Bissing inspirou esta proza e como governador lá estava a sua assinatura para lhe dar legalidade.

*

* *

Chegaram os alemães á provincia da Flandres Occidental e ahi surgiu-lhes uma grande surpresa com que não contavam. E tão grande ela foi que trabalham ali desde Outubro, sem resultado, mantendo nesta data a posição primitiva. Das provincias belgas, indubitavelmente é esta a que mais tem sofrido porque, nos primeiros dias de Fevereiro tive occasião de percorrer parte dela e confesso que nada vi de pé. Já não têm conto os bombardeamentos das cidades de Dixmude, Ipres, Furnes, Ostende, etc.

Foram as inundações do Iser, provocadas pelos belgas, mandando soltar as prêsas, que fizeram esbarrar o orgulho alemão. Calcula-se o dominio da agua em trinta kilometros por seis. O que ali se tem passado é extraordinariamente pavoroso. O cemiterio de Bruxelas onde já foram enterrados mais de mil soldados alemães é a prova mais evidente do desastre que já não podem esconder á população. Alguns soldados que regressam á capital para descanso ou tratamento são os proprios a declarar que preferem suicidar-se a voltar para o Iser.

E vem agora a proposito dizer que varios soldados e até officiais, têm posto termo á existencia depois de receberem ordem para regressar á Flandres.

O melhor castigo que se pode dar a um soldado é mandal-o para o Iser onde se luta mais contra a agua que propriamente contra belgas, francêses e inglêses.

Os que adoecem entram nos hospitaes embora poucos resistam ás pneumonias ou escapem á amputação dos pés. Mas os que caem feridos esses morrem quasi todos afogados.

O Iser é um grande aliado dos Aliados.

A vida em Bruxelas decorre pouco mais ou menos como nas outras cidades. O comercio de luxo está morto e só fazem negocio os fornecedores de generos de primeira necessidade. Os estabelecimentos encerram-se ás 10

horas sem distinção, as luzes apagam-se e pouco depois nas ruas sentem-se apenas os «alcatruzes» das rondas e sentinelas prussianas.

Os bancos, companhias e mais escritorios que ainda não fecharam abrem mais tarde e fecham mais cedo; despediram parte do pessoal e aquele que ficou cobra apenas 50 % dos seus ordenados. Da população empregada no commercio e na industria, metade não tem que fazer e portanto não ganha.

Vive dum pequeno peculio e quando esta se esgota recorre a emprestimos ou aos *comités* de caridade e assistencia publica.

Não ha manifestações de patriotismo assim como não ha possibilidade de se sair do país. Quem se quizer deslocar duma cidade para outra, luta com enormes dificuldades; o passaporte só se obtem com muito trabalho e mesmo assim é caro.

Os jornais são fabricados pelos alemães, os serviços publicos são geridos pelos mesmos que impõem a sua lingua tanto quanto podem. Liberdade de ação, não existe. Julgam-se com plenos poderes sobre a propriedade alheia e apoderam-se de tudo quanto lhes apeteça.

SENHORES:

O homem que escarre as peores blasfemias sobre o Kaiser-Bonnot que desgraçadamente ainda dá pelo nome de Guilherme II, presta um relevante serviço á causa da civilisação.

A palavra dos historiadores, gravada com eloquencia em milhares de paginas, dirá ás gerações vindouras que no seculo XX um jesuita mais cinico que Inácio de Loiola e um monstro mais tirano que Nero, desencadeou uma tempestade de polvora e sangue, assolando as terras conhecidas e agitando os mares navegados.

Os mesmos volumes redigidos em homenagem á justiça e á verdade, ensinarão aos nossos descendentes que á sombra da aguia negra medrou e surgiu um traidor que fez do Judas um inocente e um bandido que me força a lamentar a sorte dos homens que expiaram as suas culpas no cadafalso. E' que a minha consciencia não admite que possa caber no Universo, assassino mais bar-

baro, salteador mais descarado, criminoso mais repugnante.

Juntemos ás nossas pragas aquelas que são disparadas com força d'alma por tantos pais sem amparo para a velhice e por tantos orfãos sem guia para o futuro.

Ajudemos todos a esmagar os algozes porque o nosso futuro depende da vitoria da Europa. Sejam os zelosos, honrados e herois no cumprimento dos nossos deveres como foram os Belgas, porque mesmo o pretexto já nasceu. Levantemos as nossas tradições porque a hora não pode ser mais propicia e então dir-se-ha com mais forte razão: Malditos os grandes que muitas vezes são pequenos! Bemditos os pequenos que muitas vezes são grandes.

CARLOS A. FERREIRA.



: Questionario :

CAEBEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convêm que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e comprehensão do assunto, certamente convirá a todos — ao BOLETIM e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer

Perguntas:

62 — Muito agradecia o favor de me ilucidarem sobre a organização dos seguros sociais na Alemanha que dizem ser modelar e bem assim sobre a organização dos sindicatos industriais americanos. Egualmente agradecia imenso o indicarem-me livros ou jornais portuguezes, francêses ou hespanhois onde pudesse estudar as organizações a que me refiro.

D'antemão muito reconhecido agradece o socio n.º 3529 — *Amadeu Leão*.



Respostas:

A' pergunta n.º 58 — *Interpretação do teatro ibseniano*. (Continuação). — Procurar a felicidade nesta vida, é o verdadeiro espirito de rebelião diz ele, e assim traça com mão de mestre a noção que o padre é o inimigo

de toda a sociedade que deseja progresso e liberdade.

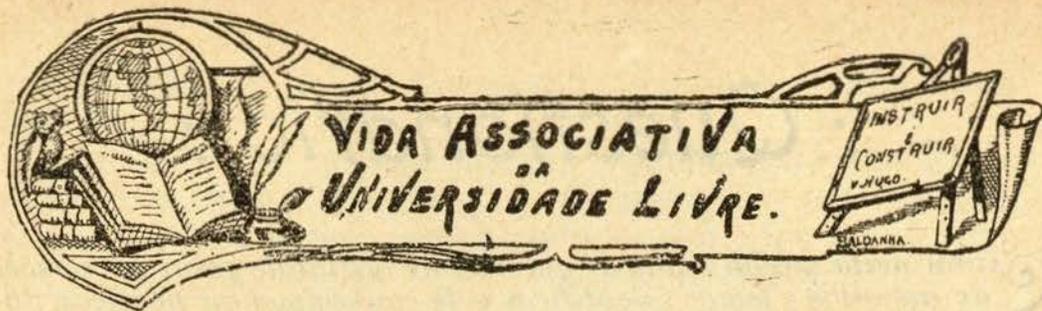
E a par dessa heroina deve estudar-se a figura da irmã de Osnwald que tambem quer sentir a alegria de viver.

Para não proseguir num assunto que pede muito espaço e tempo recomendo uma obra de Ossip-Sourié. — *La philosophie sociale dans le théâtre d'Ibsen* (Fr. 2,50. Felix Alcan. Paris) — que com a continuação da leitura dêste teatro lhe devo originar novas e fecundas ideias.

Não se deve esquecer de lei a Casa da Boneca, de estudar os defeitos de Ibsen e nunca acreditar que ele precisasse de lêr George Sand para conceber a sua obra.

Tudo isto é muito educativo e quando dirigidas estas noções posso fornecer-lhe novos elementos de critica. — *O socio efectivo n.º 85*.





Ano lectivo de 1915-1916

No dia 1 do proximo mês de outubro abrir-se-hão as matriculas para os cursos, que funcionarão durante o novo ano lectivo. Os preços de matricula serão os seguinte e por uma só vez:

30 centavos para os cursos de

Dactilografia
Caligrafia
Modelagem

20 centavos

Francês — 1.º e 2.º ano
Inglês — 1.º e 2.º ano
Escrituração comercial — 2.º ano

10 centavos

Escrituração comercial — 1.º ano
Desenhos
Arithmetica
Arithmetica para o comercio
Geografia
Taquiografia

Excursões

Grupo Excursionista Familiar

Sob este titulo agremiaram-se alguns socios da Universidade Livre, com o fim de promoverem pequenas excursões, cotisando-se para esse efeito e tendo como directores os srs. Manuel Neves e Nuno Pires.

Ha pouco visitaram Santarem com uma demora de dois dias

visitando por isso Almeirim, Alpiarça e Pernes. Ficaram encantados com a beleza da pitoresca estrada de Almeirim; visitando os «Olhos d'Agua» ou as nascentes do Alviela foi servido no proprio local um almoço fornecido por um hotel de Santarem o qual decorreu na maior animação. Visitaram ainda a Escola de Agricultura e as esplendidas adegas do abastado lavrador sr. Augusto Prudencio.

Encerramento do curso de francês no

ano lectivo de 1914-1915.

Foi uma noite de magnifica confraternisação associativa aquela em que se realizou o encerramento do curso de francês do ilustre professor sr. Alfredo Apell.

Os alunos da sua classe promoveram-lhe uma manifestação de simpatia que bastante sensibilizou o homenageado.

Antes de aberta a classe, o aluno Alvaro de Sousa fez uma saudação em nome dos seus condiscipulos e pediu licença para lhe ser oferecida uma recordação do seu muito apreço.

O professor sr. Apell agradeceu em seguida, bastante sensibilizado, a manifestação que lhe era dispensada e incitou os seus alunos a trabalhar, porque só o trabalho fará resurgir a patria portuguesa do seu adormecimento secular.

(Continúa).

Mapa do grau de habilitações dos individuos que se inscreveram nos cursos praticos de 1914-15

CURSOS PRATICOS	CURSOS PRATICOS													Total																		
	Magisterio Primario	1.º ano dos liceus	2.º ano dos liceus	3.º ano dos liceus	4.º ano dos liceus	5.º ano dos liceus	6.º ano dos liceus	7.º ano dos liceus	Instrução primaria	Instrução primaria 1.º grau	Instrução primaria 2.º grau	Ler e escrever	Diversos exames		Escola Ind Machado de Castro	Escola Rodrigues Sampaio	Escola Ferreira Borges	Escola Marquês de Pombal	Escola Belas Artes	Escola Afonso Domingues	Escola Superior Colonial	Curso Elementar de Telegrafia	Curso de Agrimensor	Curso de Escola Normal	Curso do Conservatorio	Curso Escola Auxiliar de M. ^{ra}	Curso Elementar de Comercio	Curso de Desenho Industrial	Curso de Actor	Curso Liceu Maria Pia	Curso Superior de Letras	Escola Commercial na Suissa
Literatura	1	1	3	-	-	1	-	-	12	1	10	4	1	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	38
Francês 1.º ano	1	4	6	1	-	-	-	56	3	44	14	5	-	1	-	9	1	-	-	1	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	151	
Francês 2.º ano	2	2	5	1	1	1	-	1	6	10	5	4	-	3	2	2	-	-	-	1	2	-	-	-	1	1	-	-	-	48		
Inglês	4	5	10	9	1	1	1	-	32	1	22	13	8	1	8	5	-	-	-	1	3	-	1	-	1	4	1	1	1	136		
Alemão	-	-	1	1	-	-	-	-	2	-	1	3	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	1	17		
Desenho — Ornato e Geometrico	-	2	-	-	-	-	-	-	4	3	14	5	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	31		
Matematica elementar	1	3	2	1	-	-	-	23	-	25	4	1	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	65		
Matematica comercial	-	-	-	1	1	1	-	7	1	5	1	2	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20		
Algebra	-	-	1	1	-	1	-	-	-	1	1	3	1	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	13		
Sciencias naturais	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5		
Quimica	-	-	-	2	-	-	-	-	5	-	1	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11		
Geografia	-	1	-	-	1	-	-	2	-	4	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	10		
Caligrafia	-	2	3	4	-	1	-	24	2	17	13	5	-	2	7	1	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	84		
Taquigrafia	1	-	-	2	-	1	-	10	-	10	3	3	-	4	2	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1	1	-	-	1	41		
Dactilografia	-	2	1	3	-	2	-	14	1	10	5	2	1	2	1	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	1	-	-	2	50		
Escrituração	-	1	4	4	-	1	-	28	1	32	4	4	7	2	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	1	89		
Modelagem	-	-	-	-	-	-	-	1	2	2	5	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12		

CONFERENCIAS DURANTE O ANO LECTIVO DE 1914-15

Ano	Mez	Dia	Nomes das conferencias	Local das conferencias	Tempo da duração	Assistencia		Oitichés	Impressos	Assunto das conferencias
						Cava-lheiros	Senho-ras			
1914	Ag.	25	Of. da Ar. Leote do Rego.	Sociedade Instrução Mil. Preparatoria.	1h - 10'	1120	27	16	500	«A Crise Europeia — Exercitos e Armadas».
»	Set.	10	Ernesto de Vilhena	Sociedade de Geografia.	2h - 45'	282	39	28	600	«A Crise Europeia—As Colonias Portuguezas — Seu presente e seu futuro».
»	Nov.	29	Afonso de Castilho.	Salão da Univers. ^{de}	0h - 35'	51	6	—	500	«Maquinas de vapor — Aparelho recetor» — 1. ^a lição.
»	Dez.	1	Agostinho Fortes.	» » »	0h - 50'	73	12	—	—	«Historia Patria» — 1. ^a lição.
»	»	6	Afonso de Castilho.	» » »	0h - 25'	44	11	5	300	«Maquinas de vapor — Aparelho distribuidor» — 2. ^a lição.
»	»	»	Agostinho Fortes.	» » »	1h - 10'	58	17	—	—	«Historia Patria» — 2. ^a lição.
»	»	13	Rodolfo Xavier da Silva.	» » »	1h - 30'	88	26	—	300	«Processos de identificação civil e criminal» — 1. ^a lição.
»	»	20	Agostinho Fortes.	» » »	1h - 10'	67	12	—	—	«Historia Patria» — 3. ^a lição.
»	»	»	Afonso de Castilho.	» » »	0h - 25'	29	14	10	—	«A hulha branca e transmissão da força a distancia»—3. ^a lição.
»	»	»	Rodolfo Xavier da Silva.	» » »	0h - 45'	78	17	4	300	«Processos de identificação civil e criminal» — 2. ^a lição.
»	»	27	Agostinho Fortes.	» » »	1h - 10'	79	16	—	—	«Historia Patria» — 4. ^a lição.
»	»	»	Rodolfo Xavier da Silva.	» » »	0h - 50'	81	23	4	200	«Processos de identificação civil e criminal» — 3. ^a lição.
1915	Jan.	3	Rodolfo Xavier da Silva.	» » »	1h - 10'	58	6	6	300	«Processos de identificação civil e criminal» — 4. ^a lição.
»	»	10	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	0h - 50'	99	18	—	300	«Curso de Economia Política» — 1. ^a lição.
»	»	17	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	1h - 15'	188	23	—	—	«Curso de Economia Política» — 2. ^a lição.
»	»	»	Agostinho Fortes.	» » »	1h - 15'	59	11	—	—	«Historia Patria» — 5. ^a lição.
»	»	24	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	1h - 15'	112	19	—	—	«Curso de Economia Política» — 3. ^a lição.
»	Fev.	7	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	1h - 10'	94	13	—	—	«Curso de Economia Política» — 4. ^a lição.
»	»	18	Antero de Seabra.	» » »	1h - 15'	78	23	22	500	«O Corpo Humano» — 1. ^a lição.
»	»	21	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	1h - 15'	76	9	—	500	«Curso de Economia Política» — 5. ^a lição.
»	»	25	Antero de Seabra.	» » »	0h - 50'	73	28	21	—	«O Corpo Humano» — 2. ^a lição.
»	»	28	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	0h - 55'	67	19	—	500	«Curso de Economia Política» — 6. ^a lição.
»	Março	4	Antero de Seabra.	» » »	1h - 15'	78	32	10	300	«O Corpo Humano» — 3. ^a lição.
»	»	7	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	0h - 40'	89	12	—	—	«Curso de Economia Política» — 7. ^a lição.
»	»	11	Antero de Seabra.	» » »	1h - 10'	68	29	7	300	«O Corpo Humano» — 4. ^a lição.
»	»	18	Antero de Seabra.	» » »	0h - 50'	73	28	6	300	«O Corpo Humano» — 5. ^a lição.
»	»	21	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	1h	74	11	—	—	«Curso de Economia Política» — 8. ^a lição.
»	»	28	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	1h - 10'	78	17	—	—	«Curso de Economia Política» — 9. ^a lição.
»	Abril	1	Antero de Seabra.	» » »	0h - 50'	42	14	4	300	«O Corpo Humano» — 6. ^a lição.
»	»	4	Dr. Carneiro de Moura .	» » »	0h - 55'	65	16	—	—	«Curso de Economia Política» — 10. ^a lição.
»	»	8	Antero de Seabra.	» » »	0h - 45'	53	14	4	300	«O Corpo Humano» — 7. ^a lição.
»	»	11	José Simões Coelho.	» » »	1h - 15'	126	31	30	300	«O Brasil Contemporaneo»
»	»	15	Antero de Seabra.	» » »	0h - 50'	63	22	5	300	«O Corpo Humano» — 8. ^a lição.
»	»	18	José Simões Coelho.	» » »	1h - 25'	118	31	38	—	«O Brasil Contemporaneo»
»	»	22	Antero de Seabra.	» » »	0h - 30'	15	5	1	300	«O Corpo Humano» — 9. ^a lição.
»	»	25	José Simões Coelho.	» » »	1h - 35'	152	49	20	300	«O Brasil Contemporaneo»
»	»	29	Antero de Seabra.	» » »	0h - 50'	54	25	17	—	«O Corpo Humano» (continua-ção) — 9. ^a lição.
»	Maio	6	Antero de Seabra.	» » »	1h - 15'	83	26	13	300	«O Corpo Humano» — 10. ^a lição.
»	»	13	Antero de Seabra.	» » »	0h - 35'	78	21	12	300	«O Corpo Humano» — 11. ^a lição.
»	»	23	Carlos Ferreira	» » »	1h - 50'	68	28	14	300	«A Belgica em tempo de paz».
»	»	27	Antero de Seabra.	» » »	1h - 15'	53	32	7	300	«O Corpo Humano» — 12. ^a lição.
»	»	30	Carlos Ferreira	» » »	1h - 50'	107	24	22	300	«A Belgica em tempo de guerra».
»	Junho	3	Antero de Seabra.	» » »	0h - 45'	53	14	13	300	«O Corpo Humano» — 13. ^a lição.
»	»	10	Antero de Seabra.	» » »	0h - 35'	115	46	—	—	«Quem é Camões, quaes seus meritos e descrição da sua vida».
»	»	17	Antero de Seabra.	» » »	0h - 45'	56	23	9	300	«O Corpo Humano» — 14. ^a lição.
»	»	24	Antero de Seabra.	» » »	0h - 40'	50	21	8	300	«O Corpo Humano» — 15. ^a lição.
Soma					48h - 05'	4765	960	356	9900	

Balancête do mês de Agosto de 1915

DEVE (Receita)

Saldo de Agosto		141\$64,5
Subscritores:		
Cobrança deste mês.....	76\$25	
Efectivos:		
Idem.....	10\$40	86\$65
Subsidios:		
Da Camara Municipal—Deste mês	20\$00	
Da Assistencia—Do mês de Julho	15\$00	35\$00
Cartões de identidade:		
Vendidos		1\$40
Excursão		
Venda de bilhetes para a Excursão a Mafra		66\$48
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes	1\$50	191\$03
		<u>332\$67,5</u>

HAVER (Despeza)

Rendas:		
Mês de Setembro ..		35\$00
Propaganda:		
Lamas & Franklin, conta de Julho	7\$00	
Borges & Carvalho, clichés	2\$42	9\$42
Publicações:		
Pago a Eduardo Rosa p/c do livro de fran- cês		100\$00
Excursão		
Bilhetes para Mafra e mais despesas.....		67\$28
Percentagens:		
Aos cobradores		8\$18
Gastos gerais:		
Deste mês.....	72\$93	292\$81
Saldo para Setembro.....		39\$86,5
		<u>332\$67,5</u>